Aspectos psicológicos e sociais da violência urbana

JACOB PINHEIRO GOLDBERG

Tenho a impressão de que num congresso dessa natureza, o máximo que se pode conseguir é uma soma de experiências, uma troca de informações, e principalmente a definição da postura filosófica diante dos desafios científicos da temática. O melhor que se há de fazer, ou pelo menos o melhor que poderia me propor a executar, seria arrolar alguns conceitos de opiniões sobre esse candente problema que é a violência urbana.

Transformado em um assunto de moda, como todos os assuntos ventilados por um processo superficial de cultura – que na psicologia alemã foi chamada cultura de verniz – como se por acaso a violência urbana fosse um processo, um surto cíclico, epidêmico, e não uma realidade endêmica que permeabiliza a concentração da megalópole.

Todos sabemos que existem dois tipos de agressão: uma, que é genérica em todos os animais – a agressão de defesa – é a necessidade, a vontade de manutenção de um espaço vital para sobrevivência física e psicológica; e outra, uma agressão que é destrutiva e cruel, quase específica do primata, homem capaz de torturar, agredir e matar seu semelhante; uma necessidade biológica, única e exclusivamente para satisfação do poder, aquilo que se denomina "sadismo".

Numa série de pesquisas que vimos realizando nesses anos, constatamos que juntamente com progressão da violência, na medida em que a civilização brasileira se concentra nas grandes cidades, podemos ter uma noção de que, hoje, aproximadamente 65% da população nacional habitam as grandes cidades. Para dar uma idéia do acelerar desse desenvolvimento, basta considerar São Paulo. Mil pessoas migram diariamente para São Paulo, sem que existam condições objetivas de absorção de levas migratórias, à procura de melhores condições de vida. Isto paradoxalmente vai significar uma baixa do nível qualitativo de vida, com o conseqüente aumento da mendicância, da prostituição, do crime e de outros fenômenos dessa natureza. É mister que se considere que "a grande cidade" acabou significando quase que um suicídio dos conceitos de civilidade. Esta se transformou numa espécie de acampamento vertical, onde o ser humano está privado desde a infância das fundamentais condições de sobrevivência e de realização. Daí se depreender sentimentos de frustração e dificuldades de realização pessoal, no nível econômico e no nível cultural sob o ponto de vista efetivo, e até sob o ponto de vista transcendental ou espiritual. Nas grandes cidades, a criança foi expulsa confinando-se nos prédios que teoricamente reservaram um espaço determinado, mas que na verdade não representam um planejamento; ela não tem condições de um exercício lúdico necessário para o seu desenvolvimento sequer razoável.

O idoso também foi expulso na grande cidade, e o jovem, em geral, não tem condições razoáveis diante do mercado de trabalho. Contraditoriamente, exige-se dele uma sofisticação tecnológica avançada, um processo de teorização, de industrialização. Porém a universidade não

oferece a dotação para que ele possa enfrentar essa demanda sofisticada de capacidade, originando a competição. O brilhante ensaísta Arthur Koestler disse: se vejo a história me sinto pessimista, mas se vejo na ótica da pré-história, sou otimista.

Na minha prática de psicoterapeuta, tenho tratado no cotidiano com um sentimento fundamental – o medo, que o aumento da violência urbana vem ensejar. É um sentimento cruento com o qual temos que trabalhar, inclusive através da aplicação da técnica da chamada psicoterapia intensiva num esforço de oferecimento de possibilidade de realização, em termos de defesa até cultural à hostilidade e à agressão. Neste trabalho temos percebido que uma das implicações é um sentimento de perda da identidade. O homem se recusa à despersonalização, a ser um na multidão, se porventura aceitamos o reducionismo filosófico, a mensuração, o conceito de que o homem é meramente mais um animal na escala zoológica, um animal inclusive muito singular, muito característico, que pinta, desenha, dança e até manda mísseis balísticos para o espaço.

A grande resposta do problema da violência, me parece, é a possibilidade do uso dos instrumentais, oferecidos pela ciência da psicologia, para o aperfeiçoamento da possibilidade de o homem se realizar como indivíduo, como pessoa, sem precisar do instrumental da marginalidade do crime, da destrutividade. E isto só pode ser feito – pelo menos acredito – só pode ser entendido na sua plenitude com uma concepção, que vem sendo dissociada da ciência nas últimas décadas – a concepção espiritual. Idéia de que o homem se realiza no outro, mas não em termos poéticos, líricos, demagógicos, partidários ou mesmo ideológicos, mas numa vivência experimental onde a realidade do outro é que é a nossa realidade, que nós estamos presos na aventura do existir de todos os nossos semelhantes. Sem esta abordagem nós acabaremos nos achando no direito da onipotência mórbida e patológica de executar o destino alheio, de manipular e usar o nosso semelhante, uma sedução fácil para uma ciência que trabalha com a mente.

Acreditamos que de uma ou de outra maneira possamos ser melhores do que o outro, quando, na verdade, a única forma de atitude é a humildade da mútua experiência social, humana e principalmente espiritual.

Sou responsável, co-responsável e cúmplice por toda a violência de todo o mundo; na medida em que cada um de nós não é uma ilha, nós todos pertencemos ao continente do ser. Se o outro é violento, se o outro é criminoso, se o outro é delinqüente, se os outros são culpados, eu confesso minha absolvição e previamente me dou por eleito. Esta é a recusa que tenho a impressão que caracteriza o comprometimento do desenvolvimento espiritual da civilização.